

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

LUHÊ GUTIERREZ SILVA

A CRIANÇA PEQUENA CRIADORA: UMA OFICINA DE POESIA

Guarulhos

2019

LUHÊ GUTIERREZ SILVA

A CRIANÇA PEQUENA CRIADORA: UMA OFICINA DE POESIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de licenciada
em Pedagogia pela Universidade
Federal de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando
Rodrigues de Oliveira

Guarulhos

2019

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo autor

Gutierrez, Luhê. A criança pequena criadora: uma oficina de poesia/
Luhê Gutierrez Silva. - 2019.
45 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e
Humanas, 2019.

Orientador: Fernando Rodrigues de Oliveira

Título em outro idioma: The young children as creator: a poetry
workshop

1. educação. 2. poesia. 3. criação literária. 4. infância. I. Oliveira,
Fernando. II. Trabalho de conclusão de curso (graduação em
Pedagogia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de
Filosofia, Letras e Humanas. III. Título.

LUHÊ GUTIERREZ SILVA

A CRIANÇA PEQUENA CRIADORA: uma oficina de poesia

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
São Paulo como requisito parcial para
obtenção do grau em Licenciado em
Pedagogia.**

Aprovado em: 15 de dezembro de 2019.

**Prof. Dr. Célia Regina Batista Serrão
Universidade Federal de São Paulo**

**Prof. Dr. Renata Marcílio Cândido
Universidade Federal de São Paulo**

RESUMO

Este trabalho procura analisar o momento de criação de crianças pequenas no contexto de uma oficina de leitura e criação de poesia. Para obter tais informações, recorreu-se à revisão bibliográfica sobre formação do gosto literário e trabalho de poesia com crianças, bem como a entrevista com uma das organizadoras da oficina. A análise possibilitou concluir que a oficina de criação de poesia proporciona diferentes experiências por parte das crianças, de modo a inovar no trabalho de aproximação desse público com o texto literário.

Palavras-chave: Educação. Poesia. Criação Literária. Infância.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido companheiro Luiz Inácio Lula da Silva, por possibilitar a minha graduação na universidade federal de São Paulo.

Agradeço a universidade, seu corpo docente, direção e administração que proporcionaram tantas experiências, conhecimentos enriquecedores e essenciais para minha formação como pedagoga e também como ser humano.

A minha mãe Eliete, ao meu pai Hernani e ao meu irmão Cayo, por me darem tanto amor, apoio e amparo, também por possibilitarem todas as experiências que me guiaram até aqui.

Ao querido professor Fernando, por toda a disposição ao orientar este trabalho e torná-lo possível apesar dos desafios.

Agradeço aos amigos e companheiros que estiveram presentes em diversos momentos da minha graduação e que construíram em mim os elementos necessários para a realização deste trabalho, vocês são parte do que tenho me tornado e sempre estarão presentes. Agradeço especialmente a Paulo Pantolfi, Thiago Nunes, Alice Silva, Larissa Xavier e Tiago Angelo pelas aventuras vividas, a amizade, o amor, a inspiração e todo o apoio e incentivo que me deram durante esses anos.

A todos os maravilhosos professores do departamento de educação que acresceram as minhas perspectivas e horizontes.

Aos encontros e reencontros que permeiam a Unifesp, a toda a luta que percorre nossos prédios e seus arredores, aos dias felizes em que o impossível foi realizado, aos dias em que estamos todos dispostos à vida e fizemos música, poesia e dançamos pelo campi.

Agradeço as inúmeras experiências que nunca imaginei viver e vivi, agradeço as crianças poetas, a poesia e a tudo que ainda não tem um nome.

A todas e todos que me levaram a realização deste trabalho.

Acho que o quintal onde a gente brincou
é maior do que a cidade.
A gente só descobre isso depois de grande.
A gente descobre que o tamanho das coisas
há de ser medido pela intimidade
que temos com as coisas.
Há de ser como acontece com o amor.
Assim as pedrinhas do nosso quintal são sempre
maiores do que as outras pedras do mundo.
Justo pelo motivo da intimidade.
(Manoel de Barros)

As cem linguagens da criança

A criança é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modo de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre
cem modos de escutar,
de maravilhar de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos para descobrir.
Cem mundos para inventar.
Cem mundos para sonhar.
A criança tem cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
e de cem
roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas que não estão juntas.
Dizem-lhe: que as cem não existem.
A criança diz: ao contrário, as cem existem
(Loris Malaguzzi)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 07
Capítulo 1 – A leitura para formação do gosto	p. 10
Capítulo 2 – A criança, a poesia e o lugar da experiência e criação	p. 13
Capítulo 3 – Oficina de leitura e criação pelas crianças	p. 17
3.1 Fundamentos, propósitos e modos de organização da oficina	p. 18
3.2 A oficina e seu funcionamento	p. 22
CONCLUSÃO	p. 28
REFERÊNCIAS	p. 30
ANEXOS	p. 32
A. Roteiro de perguntas	p. 32
B. Entrevista transcrita	p. 33
C. Termo de consentimento livre e esclarecido	p.43

INTRODUÇÃO

As práticas de leitura com crianças pequenas são majoritariamente desenvolvidas no ambiente escolar. Sabe-se que dentro das bibliotecas escolares, além dos livros didáticos, é recorrente e maioria nesses acervos a presença de livros de literatura infantil, muitos dos quais com caráter moral e utilitário. Ao analisar a história da literatura infantil é perceptível como o gênero sempre esteve ligado a uma função pedagógica, conforme explica Souza (2013, p.17):

[...] o gênero sempre esteve atrelado à pedagogia, para o bem e para o mal. O aspecto positivo é que, de fato, livros criados para pequenos leitores não podem desconsiderar o grande papel formador dessa leitura, ao transmitir valores e ideias que poderão calar fundo e para sempre na vida de cada um deles. O lado negativo é priorizar o ensino, a instrução, o didatismo, e fim, ignorando o fato de que o gosto pelos livros vem do prazer e do encantamento que eles produzem, especialmente quando se trata de pessoas em fase de descobrimento da vida e do mundo.

No que se refere especificamente o texto poético, ele é considerado um texto difícil para o trabalho escolar por grande parte dos educadores, desta forma, o acesso das crianças ao poema é bastante limitado. A leitura literária com crianças carece de práticas pensadas para a fruição, formação do gosto, de forma que se ofereçam melhores possibilidades de desenvolvimento das capacidades leitoras. Diante desse contexto, nos últimos anos, a literatura e principalmente a poesia tem sido bem recebida em novos espaços de educação, fora dos muros da escola.

Há uma evidente expansão de oficinas de leitura e de criação literária em diversos ambientes culturais e educacionais na cidade de São Paulo, projetos desenvolvidos em centros e casas culturais, nas bibliotecas e museus da cidade e em instituições escolares. São projetos independentes que visam a ofertar oficinas literárias nesses espaços não escolares. As oficinas são oferecidas visando a públicos variados, na maioria das vezes voltadas a escritores, poetas, jornalistas, professores e crianças. De modo geral, essas oficinas trabalham com diversos gêneros textuais e muitas têm entre seus objetivos a formação do gosto por textos literários, a ampliação do repertório de conhecimento sobre autores, o trabalho com exercícios que auxiliem no desenvolvimento da criação literária, a apreciação da leitura estética e prazerosa do texto e o desenvolvimento da sensibilidade artística. Compreendendo a importância dessas oficinas e em face da diversidade que elas podem representar, este trabalho se limitou a analisar uma oficina de leitura e criação

de poesia para crianças pequenas, de modo a entender seus objetivos, funcionamento e possíveis contribuições para a formação de leitores do texto literário.

A definição dessa oficina originou-se de uma experiência pessoal, como professora em formação. A motivação para a escolha desse tema ocorreu durante a imersão no ambiente escolar, no momento em que eu, na função de auxiliar de classe, desenvolvia a leitura diária com uma turma do primeiro ciclo do ensino infantil. Por meio dessa atividade, pude notar grande potência poética nas falas das crianças, mas como os adultos, sem perceber, interrompiam constantemente essas falas, por vezes inibindo possibilidades positivas criativas por parte das crianças.

Em contrapartida, no convívio com os professores em reuniões e conversas informais, ouvia diferentes relatos sobre as dificuldades de se trabalhar com poesia com crianças pequenas (dos 0 aos 6 anos). Nesses discursos, o texto poético era constantemente visto como desnecessário e desvalorizado, principalmente, por não ser apresentado com uma utilidade pedagógica como as comuns em livros didáticos.

Dessas situações que passei a vivenciar, iniciou-se meu interesse pela busca de práticas que ampliassem a percepção, discussão, apreciação e criação do texto poético com crianças, rompendo com a lógica escolar de desenvolvimento de conteúdos.

Com isso tomei contato com as oficinas de criação literária, como alternativa para o trabalho escolar, objetivando estimular, em outros espaços, a criação poética e desenvolvimento do gosto e o hábito leitor. Assim, tomei conhecimento de um projeto independente de oficina de criação literária, desenvolvido por duas poetisas e educadoras residentes da cidade de São Paulo. Esse projeto, por questões éticas, é aqui denominado como “Oficina literária de leitura e criação de poesia”, pois as responsáveis solicitaram não o identificar.

A escolha dessa oficina como principal objeto de estudo se deu, primeiramente, pela relevância e a particularidade do método com o qual se desenvolve o trabalho educacional com poesia nos primeiros anos de infância. Nessa oficina, a criação e reflexão do mundo são eixos fundamentais das práticas desenvolvidas.

A partir do exposto, o estudo que resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso teve como problema norteador: como se dá o momento em que a criança pequena se torna criadora na oficina de leitura e criação de poesia?

Em face desse problema, problematizei a literatura acerca do tema e analisei as atividades propostas e desenvolvidas pelas educadoras da oficina.

Do ponto de vista metodológico, o estudo pauta-se em abordagem de cunho qualitativo, por meio de revisão bibliográfica, e se insere num tipo de pesquisa de estudo de caso instrumental (STAKE,1995). Com isso, realizei em fase exploratória uma observação não participante para determinar a delimitação do estudo, em seguida, utilizei de entrevista como principal instrumento de coleta de dados para a análise e discussão da teoria levantada pela revisão bibliográfica.

A partir dos resultados obtidos, este TCC se organiza da seguinte forma: no primeiro capítulo abordo brevemente a importância da leitura para formação do gosto, relacionando-os com o prazer advindo da experiência. No segundo capítulo trato de alguns aspectos relativos à criança como criadora de poesia. No terceiro capítulo, trato da entrevista com uma das organizadoras da oficina. Com isso, exploro as informações necessárias para analisar a proposta de oficina de criação literária, de modo a também problematizar aspectos da observação não participante.

1 A leitura para formação do gosto

Caldin descreve a leitura como um ato social, pois ao mesmo tempo em que a “[...] escritura se configura como um meio transmissor de informação, [...] é um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem”. É social porque sofre ação do meio e influi sobre ele, nesse sentido, o texto literário situa-se sempre na relação entre um sujeito que escreve para outro sujeito que lerá esse texto, ainda que essa leitura seja apenas prevista (imaginado).

Ao ser lido, o texto literário ganha sentido a partir das experiências de vida do leitor. No caso da criança, como essas experiências são ainda limitadas, a mediação de sujeito mais experientes é fundamental. Não se trata de o sujeito portador de maior experiência, na maior parte dos casos, um adulto, definir ou determinar a leitura, mas possibilitar à criança construir relações entre texto lido e a vida em si, de modo a também contribuir para a ampliação de repertório leitor e de experiências por parte dessa criança.

No entanto, comumente as práticas de leituras aparecem priorizando a instrução e o didatismo e pouco se associam à construção de experiências mediante atividades lúdicas ou associadas ao espaço do brincar. A poesia, quando aparece em atividades escolares, também é valorizada somente em um aspecto funcional, para treino de algumas poucas habilidades de leitura, visando a certo tipo de treino leitor.

Sabe-se o quão indispensável é o movimento de repensar as práticas de leitura e da importância de considerar o lúdico, a sensibilidade, a imaginação e a criação também são elementos essenciais em práticas educacionais pensadas para crianças e que propiciam o desenvolvimento do gosto pela leitura e amplia compreensão do sujeito leitor de si e do mundo.

Nesse processo de repensar as práticas, cabe tocar na questão sobre a escolha dos textos literários a serem lidos com crianças. É comum a seleção dos ditos textos clássicos, por serem esses os mais conhecidos e também porque os professores consideram outros textos difíceis, o que geraria uma impossibilidade de acesso por parte da criança. Essa situação acaba por limitar as possibilidades de acesso das crianças a uma gama maior de textos e experiências leituras, o que pouco contribui para a formação do gosto pelo texto literário.

Cunha (2013) argumenta que para escolher um texto literário é preciso levar em conta duas características essenciais: a primeira é que o tema deve ser significativo para as crianças, levando em conta suas experiências e gostos, a segunda é que o título

deve ser “descortinador de horizontes”, portanto ampliar a visão e conhecimento de mundo, bem como a construção da sensibilidade estética e do senso crítico.

Quando se trata do texto poético é comum que seja feita uma relação equivocada, de que a emoção é a única informação a ser lida em um poema, o aspecto lírico do texto ganha erroneamente o nome de poético. O texto poético que pode ser apresentado em verso, em prosa ou imagem, pode ser chamado de poema ou poesia, Clarice Zamonaro Cortez e Milton Hermes Rodrigues exemplificam essa diferença:

Costumamos associar a poesia à mensagem, à informação que, sendo estética, é também testemunho de subjetividade. Ela expressa uma emocionalidade inserida numa forma, num invólucro. Esse invólucro é o poema. Assim, o soneto é um poema e a angústia ou a alegria nele presente é a poesia.

Deste modo, pode-se não somente analisar a mensagem e a informação estética do texto poético, como também a sua forma, o seu invólucro, o que demonstra a necessidade de, ao pensar em uma prática de leitura com crianças, conhecer os elementos que compõe o texto poético, conhecer o poema, como desenvolve a autora Fanny Abramovich (2009,p.95):

Se a professora for ler um poema para a classe que o conheça bem, que o tenha sentido, percebido, saboreado. Para que passe a emoção verdadeira, o ritmo e a cadência pedidos, que sublinhe o importante, que faça pausas para que cada ouvinte possa cobrir – por si próprio - cada passagem, cada estrofe, cada mudança...

Souza (2013) argumenta que mais do que conhecer o poema, o professor deve se “armar” com uma cultura poética e, desta forma, usufruir junto às crianças a leitura. Sendo assim, conhecer é o primeiro passo para poder oferecer as melhores leituras, pois a diversidade dos textos garante que as experiências sejam multiplicadas e ao terem contato com outros tipos de textos, haja maiores possibilidades de interpretar o código escrito. Portanto, para o professor-mediador-educador possibilitar às crianças uma maior acessibilidade a leituras diversas, é necessário ampliar o próprio repertório e ter uma relação mais íntima com o gênero textual, mais do que isso, é necessário gostar do texto.

Um gênero estabelece um contraponto com o outro, e na fruição de todos é que se cria a melhor maneira de garantir o prazer estético que, lá na ponta de nossa ação, gostaríamos de garantir para nossos alunos. (CUNHA, 2013, p.132)

Novais (2013, p.38) ressalta a importância de ampliar o repertório de saberes literários e dos elementos de composição poética para que possa apresentar-se como um professor-leitor-crítico, mediador responsável pela formação de leitores de poesia.

A iniciação estética é possível em qualquer idade e é proporcionada primeiramente com o estudo do texto literário, como afirma Novais; *“por fim, o estudo da poesia, na perspectiva do letramento literário, atuaria também no desenvolvimento dos valores estéticos, participando, por exemplo, na formação do gosto artístico.”* Deste modo, sabe-se que para ensinar poesia é preciso conhecer poesia que com o estudo educa-se o gosto pela poesia e desta forma, sente-se prazer com a leitura.

Estudos recentes vêm demonstrando que, de modo geral, o prazer se apresenta intimamente associado às crenças e ao grau de conhecimento que possuímos a respeito do objeto ou situação colocados à disposição dos nossos sentidos. (NOVAIS, 2013,p.37)

2 A criança, a poesia e o lugar da experiência e criação

A sensibilidade é parte importante quando se trata da leitura de um texto poético. Ao ler um texto poético com uma criança, o adulto conduz uma “experiência poética” (PAZ, 1982).

Na medida em que o texto é lido, os leitores (o adulto que articula a voz e as crianças ouvintes) interagem com o texto e com o autor vivenciam uma experiência. Paz (1982) explica que o leitor, ao ler um poema, recria-o a partir de sua própria experiência, repetindo o processo de criação. (p.204). O autor dá o nome de ato poético a esta inversão entre poeta e leitor. (p.180). Segundo ele, o processo de recriar o texto e significá-lo consiste em reviver o texto; a busca do sentido reproduz a experiência do poeta, ao mesmo tempo em que é o leitor quem concede o significado final. Dessa forma, cada sujeito que vivencia o texto poético, poeta, leitor, ou ouvinte, terá uma experiência única.

Larrosa (2002), ao discutir sobre a experiência e o saber da experiência, também afirma que:

[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência (LARROSA, p.27,2002)

As crianças fantasiam, mergulham na experiência e nas palavras do texto com facilidade, inventam significados próprios, participam do “pacto ficcional”, como afirma Kirinus (2011, p.33). Nesse processo de descobrir o mundo e descobrir a si mesmos, a criança conhece as sensações e os sentimentos, mesmo sem ainda saber nomeá-los, dizê-los. Com isso emergem palavras inventadas, amparadas em determinadas significações, daí o importante lugar da poesia, pois ela também recria as palavras, desnaturalizá-las, construindo também um “pacto ficcional”, tal como faz a criança.

Cunha (2013) afirma que na poesia a linguagem pode ser um brinquedo, assim como para uma criança que começa a se comunicar verbalmente, busca-se na linguagem a brincadeira e o que motiva essa busca consiste no prazer da descoberta e da invenção das palavras, como também “adivinhar e inverter sentidos, explorar ritmos, sonoridades, repetições e coincidências” (CUNHA, 2013, p.66). Nesse sentido, conforme explica Kirinus (2011):

A criança recebe com muita facilidade a poesia. Ela é sua antiga conhecida, desde sempre. Basta dar um poema aqui que ela responde e corresponde com outro lá.

A poesia é origem e pressupõe originalidade, e a criança responde bem a esse jogo. (KIRINUS, p.26, 2011)

A criança, ao vivenciar experiência poética, a partir de sua imaginação, pode tentar se expressar com palavras inventadas ou com imagens criadas que soam como um delírio na lógica de um adulto. Assim, o adulto tende a interferir no processo, quando em sua lógica, passa a exigir da linguagem da criança que se faça razão. Com isso pode-se inibir o espaço individual de fantasia que é a forma pela qual esse sujeito concebe o mundo.

É possível pensar que o estado febril e delirante, portanto, é um sintoma próprio da criatividade humana, que aparece mais forte na poíesis. E a criança, por inata sua queda para o lúdico e fazer das palavras um jogo fascinante, nada mais revela em seu delírio fantasioso que um misterioso sintoma da linguagem poética. Quando, na vida adulta, perde a liberdade de se entregar ao ócio, ao delírio, ao jogo, transformando-se num adulto com sua vida seriamente comprometida com regras, normas, protocolos, decoros sociais, compromissos. Com isso adota uma linguagem gramatical formal, fazendo desaparecer a saudável *febre* e o feliz *delírio* provocado pela irrequieta fantasia ou pela fertilidade do seu não saber. (KIRINUS, p.48, 2011)

Souza (2013, p.22) alerta sobre o perigo que há no ato de o adulto corrigir falas poéticas da criança, pois trata-se de um ato castrador que reprime sua espontaneidade, ignora a intimidade da criança com as coisas concretas e aumenta o sentimento de inferioridade que já é tão relacionado ao espírito infantil culturalmente. O adulto distante de seu ser poético encontra dificuldade de acessar o jogo entre a fantasia e o real que a criança expressa em sua fala e por isso, além de censurar a fala da criança, muitas vezes o adulto pode também não a validar.

Muitas vezes agimos também com esta percepção do século XII, esperando das crianças um comportamento de adulto, no rigor de uma exigência descabida. Outras vezes, a compreensão da infância pelos adultos costuma ser tangencial, na dimensão da tolerância benigna: “Não importa, ela é apenas uma criança. Só tem três anos”. é uma compreensão tangencial porque não leva em conta o que ela diz ou o que ela faz. (KIRINUS, 2011, p.35)

Ao discutir imaginação e expressão artística na primeira infância, Albano relembra uma fala de sua neta, que a levou a concluir que “As crianças expressam aquilo que as impressionam”. Partindo desse pressuposto é possível afirmar que a criança cria a partir de uma leitura que a comove e estimula.

O que ela me ensinava é que precisamos observar atentamente o que impressiona cada criança: na natureza, nas coisas do mundo, seus medos, seus desejos e, então, dar oportunidade para que expressem suas impressões. Mas ouço, também, na sua fala, que precisamos criar experiências impressionantes que alimentem sua imaginação e sirvam de combustível para suas expressões. (ALBANO, 2018, p.17)

De forma coerente com essa perspectiva, Souza (2013), ao tratar da criação literária, explica que “[...] *o momento de criação não deve ter a intenção de formar “poetas”, mas de proporcionar aos alunos a experimentação do fazer poético.*” (2013, p.86). Com isso, cabe uma importante reflexão de Kirinus (2011), que distingue a noção de trabalho para a criança e para o adulto.

Há que diferenciar o conceito de trabalho da criança e o do adulto. Na criança, o trabalho está revestido do lúdico e significa criar, produzir, a partir de um ato voluntário destituído de tempo, espaço e remuneração. No adulto, o trabalho está submetido à pressão do tempo e espaço, previamente delimitado pela obrigatoriedade produtiva.” (p.34)

Em meio a criação, a criança pode utilizar diversas formas de expressão, como, por exemplo, usar o corpo como uma de suas linguagens expressivas, principalmente quando exerce a sua principal atividade, o brincar, o imaginar, a encenação. Todas as imagens criadas com o corpo, com o desenho ou com as palavras são formas de expressão que partem do imaginário infantil, um acervo de pensamentos concretos que a criança demonstra ter intimidade e que corresponde às inúmeras imagens que ela cria constantemente.

A criança desenha e ao mesmo tempo narra a respeito do que desenha. Ela dramatiza e compõe um texto verbal no seu papel. Esse sincretismo aponta a raiz comum da qual se ramificam todos os outros tipos de arte infantil. A brincadeira da criança é essa raiz comum; serve de estágio preparatório para a criação artística da criança, e, até mesmo quando dessa brincadeira sincrética comum destacam-se separadamente tipos mais ou menos independentes de criação infantil, tais como o desenho, a dramatização de sua composição, cada tipo não é rigidamente separado do outro voluntariamente absorve elementos dos demais. (VIGOTSKI, 2009, p.93)

Souza (2013). pensando em formas para que a poesia não permaneça limitada às formas de atividades didáticas, recupera o texto de Jolibert (1994) e cita os “ateliês de impulsão afetiva imaginária” como um ponto de partida para a elaboração de novas atividades com poemas. Tais atividades se dividem em três etapas: percepção, discussão e criação. “Os ateliês de impulsão afetiva imaginária funcionam com base em uma situação de partida que ative o imaginário do grupo, suscite emoções e provoque imagens. Por isso, eles não têm compromisso preponderante cognitivo, mas sim existencial.” (SOUZA, 2013, p.83)

Dessa forma, pretende-se incentivar a expressão e criação a partir da imagem que a leitura do poema provocou. A criança refletirá e criar imagens, irá se expressar e nesse momento deve ser considerada, validada como criadora, pois são capazes de fornecer outras percepções acerca de um contexto.

Kramer (2000) defende que a sociedade deve aprender com as crianças e, assim, compreender o valor da imaginação, da arte, dimensão lúdica, da poesia e o pensar adiante:

Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido de uma história, que muda a direção de certas situações, exige que possamos conhecer nossas crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam. E que possam falar mais. [...] Há que aprender com a criança a olhar e virar pelo avesso, a subverter, a tocar o tambor no ritmo contrário ao da banda militar, de maneira que as pessoas, em vez de gritar, obedecer ou marchar, comecem a bailar. Acreditar que é possível aprender com a experiência – também a contemporânea – pode nos ajudar a abrir espaços concretos de ação. (KRAMER, 2000, p.17)

3 Oficina de leitura e criação com crianças

Este capítulo apresenta uma breve caracterização da oficina de poesia aqui tomada como objeto de investigação. Para isso, foi feita uma entrevista com umas das criadoras da oficina com o objetivo de obter dados para que fosse possível conhecer sua prática, organização, materiais utilizados e identificar, por meio de um relato do passo a passo da oficina, o momento de criação da criança.

Também quanto à metodologia da coleta de dados, foi feito um levantamento de dados que fossem de relevância para a elaboração do pré-roteiro para a entrevista por meio de observação não participante de uma das oficinas. Com isso, trata de uma pesquisa exploratória em que se pretende obter um maior número de informações acerca de um caso educacional específico.

Após a elaboração do pré-roteiro e da assinatura das duas vias do termo de consentimento livre e esclarecido que assegura a privacidade e anonimato da entrevistada, realizei a entrevista, que se encontra transcrita integralmente no anexo do trabalho.

A entrevista em pesquisa qualitativa procura ampliar o papel do entrevistado ao fazer com o que o pesquisador mantenha uma postura de abertura no processo de interação, evitando restringir-se às perguntas pré-definidas, de forma que a palavra do entrevistado possa encontrar brechas para sua expressão. É prática comum a elaboração de um roteiro apresentado sob a forma de tópicos (tópico guia) que oriente a condução da entrevista. (FRASER e GONDIM, 2004, p.145)

Sobre a entrevistada, é formada em Pedagogia desde 2009, ingressou no mercado de trabalho como mediadora de ações educativas em um museu da cidade de São Paulo no ano de 2013. Durante dez anos como educadora, promove ações educativas com arte e poesia para e com crianças. Em sua trajetória profissional, participou de muitas formações continuadas e tem em seu currículo diversas participações em oficinas de criação literária e de poesia e arte para o ensino de crianças pequenas.

A entrevista ocorreu no dia 5 de outubro de 2019 e teve como base o pré-roteiro para que os assuntos principais fossem tratados. Apenas duas perguntas foram acrescentadas no momento em que a entrevista estava em desenvolvimento (as perguntas 5 e 15). Como delimitação, é importante ressaltar que a entrevistada descreve integralmente uma única prática da oficina. Essa oficina ocorreu no espaço da Biblioteca

“Mário de Andrade”, localizada na cidade de São Paulo, durante três horas de um domingo de agosto de 2019.

A oficina é composta por duas educadoras e poetas, é oferecida para crianças de todas as idades, mas originalmente é pensada para crianças de três a nove anos, pode ser desenvolvida em espaços públicos culturais e também em escolas na cidade de São Paulo, cada oficina prevê a duração de três horas. O roteiro de perguntas buscou identificar na descrição das práticas desenvolvidas, os principais elementos sobre a criança pequena como criadora durante a oficina de poesia, a partir disso, compreender a experiência, situar o momento de criação e as suas formas de expressão. A entrevista também se propôs a revelar outros elementos fundamentais, como a organização e preparação do espaço educativo, a significação da leitura na prática da mediadora, os materiais e livros essenciais para as práticas e demais atividades desenvolvidas e pensadas.

3.1 Fundamentos, propósitos e modos de organização da oficina

Segundo a entrevistada, a criação é um dos elementos fundamentais da oficina de poesia: “[...] o projeto nasceu da vontade de provocar reflexões sobre o mundo a partir do fazer como criação de conhecimento”¹. É importante destacar como o refletir o mundo e o criar estão presentes como peças primordiais para o projeto.

A entrevistada destaca a diferença entre o processo de criação poética de um adulto e de uma criança. Segundo ela, “[...] a partir dessa linguagem infantil, percebemos o quanto é um exercício difícil buscar a fantasia [...]”. Sobre o ato de criar poesia para um adulto, ela diz: “[...] é esse sentimento que não dá pra dar nome, sabe? já sabemos nomear tudo o que queremos dizer, né? e o nosso exercício têm sido renomear as coisas, pensar outro jeito de dizer, o que é muito diferente do ser poético criança, enfim... é uma busca, têm sido uma constante busca.”

Essa colocação passa a considerar a existência de um ser poético criança, que existe, capta e expressa um ordenamento distinto do adulto. Tal concepção vai de acordo ao conceito de Paz (1989), quando descreve o poema como a imagem criada a partir do indizível:

¹ Daqui em diante, toda vez que citar fragmentos da entrevista, não utilizei a indicação de nome ou sobrenome, para preservação da identidade da entrevistada.

E essa imagem é uma criação, algo que não estava no sentimento original, algo que nós criamos para nomear o que não tem nome e dizer o que é indizível. Por isso, todo poema vive às expensas de seu criador. Uma vez escrito o poema, aquilo que existia antes do poema e que causou a criação – esse algo indizível: amor, alegria, angústia, aborrecimento, nostalgia de outro estado, solidão, ira - tornou-se imagem: foi nomeado e é poema, palavra transparente. (PAZ, 1989, p.204)

Dessa forma, a entrevistada evidencia a relação entre poesia e a expressão da criança, em uma perspectiva em que a expressão poética do adulto esteja sempre na busca pela palavra e intimidade que a criança já tem.

Sob esse entendimento, a entrevistada indica que o principal objetivo da oficina é a criação, a exploração das capacidades criativas das crianças. Ela explica:

[...] a criação do poema... da palavra, do texto, verbal ou não, procuramos encarar a ideia de oficina como um momento alheio a realidade, em que a fantasia é livre e permitida. Onde a fala da criança é ouvida, sem interrupções, sem exigir explicação, o desenho que ela cria, muitas vezes muda de repente, primeiro a criança desenha uma flor e depois o que era uma flor vira um desenho dela mesma, e por que não? O processo de criação consiste em múltiplas significações.

Essa proposta, pode-se inferir, encontra relação com Cândido (2004), quando esse trata do processo formativo e humanizador do texto literário.

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p.180)

No desenvolvimento da oficina, um importante elemento a ser considerado é a quantidade de crianças para que seja possível viabilizar as ações planejadas. A entrevistada ressalta a dificuldade de colocar em prática a oficina com um número maior de crianças, principalmente porque a mediação não consegue fornecer a atenção necessária a cada criança durante o processo. A entrevista explica que:

“[...] é a expressão da individualidade no momento de criação de cada criança e eu busco dar atenção a todas as crianças no processo criativo, principalmente porque nesses momentos é onde dá pra apresentar um outro poema...ou livro... que conversa com aquela criação, que acrescente, uma ilustração, sabe?”.

Neste ponto, destaca-se principalmente o papel da mediação na experiência da leitura e criação, Barbosa (2004) defende que o trabalho com a arte como expressão deve estar aliado à reflexão sobre as emoções:

Aqueles que defendem a arte na escola meramente para libertar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo nem educação cognitiva, nem educação emocional. (s/p)

A entrevistada menciona que alguns elementos fundamentais da oficina são alterados conforme o espaço que recebe o projeto, um desses elementos seria a duração da oficina:

[...] o tempo de oficina é resumido de três horas para apenas uma ou duas horas, até tentamos negociar com as coordenações e escutamos coisas como “as crianças se cansam rapidamente de uma só atividade...” ao ouvir isso, eu me pergunto né “mas, porque em outro ambiente elas não se cansam?”.

A mediadora pontua outro importante elemento a partir dessa mudança de espaço:

[...] a criança no espaço escolar, vem desconfiada, ela toca nos livros... mas... sempre com um olhar de quem acha que não podia estar tocando, ela não sabe que tudo aquilo é pra ela. As professoras também parecem ter medo de que seus alunos estraguem os livros ou façam algum tipo de bagunça e acabam interferindo muito, chamando a atenção dos alunos. Nós precisamos falar o tempo todo que podem conhecer os materiais, mexer em tudo, folhear os livros....

Nessa fala, a entrevistada torna evidente um exemplo da interferência da lógica adulta tão presente na escola e que censura a criança. Sobre isso, Kirinus pontua que “As marcas da escola que controla e sentencia ainda perduram. Acreditamos que, sem liberar-se das tensões produtivistas e utilitaristas, o homem maquinizado fatalmente eliminará, aos poucos, sua identidade poética.” (2004, p.77)

A entrevistada afirma que não é necessário ser poeta para mediar uma oficina, mas destaca a necessidade do gosto da leitura de poesia:

[...] eu acho fundamental ser leitor de poesia para trabalhar como mediador, no caso de oficina com leituras de poemas, deve existir intimidade com o texto que se lê em voz alta, com certeza. Além disso, é importante pensar durante o planejamento que a execução da oficina é o primeiro contato daquelas crianças com um poema ou com aquele poema e que cada leitura é uma nova relação e significação do texto, fico sempre atenta a cadência e a entonação. Não acho necessário ser poeta para mediar uma oficina de poesia, mas é necessário gostar de poesia, estar disposto a conhecer novos poemas, ter curiosidade para novos poetas e as novas formas [...] Além do gosto e do prazer com a poesia, o conhecimento dos elementos de um poema é essencial, a criança escuta, entende e relaciona, aprende, é importante dar nome a tudo que compõe um poema durante a oficina.

Desse modo, ela destaca a função educativa da experiência de escuta da poesia, uma ação que relaciona o texto poético, leitor ouvinte e leitor mediador, onde o texto deve

ser expandido para além de suas imagens. Com isso, evidencia a necessidade de uma relação anterior entre o texto e aquele que o apresenta, além de conhecimento técnico das formas poéticas e suas composições. Segundo Kirinus: “Compreender, amar e conhecer a poesia são fragmentos do mesmo todo que compõe o ser poético” (2004,p.102).

Dentre as práticas pensadas para incentivo à expressão das crianças durante a oficina, a entrevistada destaca os diversos materiais que ficam disponíveis, revelou uma grata surpresa ao descobrir que quanto mais materiais ficam à disposição da criança, maiores são as possibilidades de criação:

[...] quanto mais materiais deixamos ao alcance das crianças, mais elas criam, deixamos disponíveis cerca de vinte livros de literatura infantil, entre eles alguns de poesia, outros livros não verbais, além de livros com narrativas cheias de elementos poéticos, e... também, lá no nosso varal penduramos poemas visuais e algumas obras feitas em outras oficinas a disposição das crianças, diversos papéis de muitos tamanhos, recortados em formatos diferentes, folhas em branco e pautadas, lápis coloridos, canetas e canetinhas, giz pastel e giz de cera e tintas, tesouras e réguas, entre nossos pincéis alguns são feitos com materiais que encontramos na natureza, galhos, folhas, cascas de espigas de milho, materiais recicláveis, quanto mais materiais trazemos mais arte se cria, fica tudo lá, elas se apropriam e dão um novo uso a tudo, o que já engrandece a experiência poética, elas expressam ali um outro olhar, expressa a compreensão e concepção de mundo, acho que o essencial é garantir o novo, nos livros, nos materiais, na experiência com um todo [...].

Após a entrevistada ressaltar a importância da presença de livros a disposição das crianças, ela comentou sobre o que leva em conta para selecionar os livros para o acervo da oficina:

[...] a diversidade dos temas, das imagens, dos textos. As crianças demonstram um grande interesse com a poesia lúdica, mais por que as palavras têm um tom de brincadeira maior do que os poemas líricos” em seguida, cita alguns autores que utilizam: “José Paulo Paes, tem Cecília Meireles, Lalau, tem muitos de Manoel de Barros, Eliandro Rocha, Lúcia Hiratsuka, Eva Furnari, Germano Zullo e Albertine, André Neves, Joel Rufino dos Santos, Monteiro Lobato, entre outros [...].

Sobre o planejamento das oficinas, a entrevistada organiza as atividades possíveis de acordo com os títulos, mas ressalta que mantém um espaço em aberto para o imprevisível, que parte da leitura das crianças. Desta forma, relaciona-se bastante com o planejamento de um projeto pedagógico, como descrevem Barbosa e Horn: “Um projeto é uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução, envolvendo uma vasta gama de variáveis, imaginativos, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização” (2008, p.31).

3.2 A oficina e seu funcionamento

Inicialmente, ao apresentar os objetivos e a motivação da pesquisa, foi frisado a importância de um relato descritivo das atividades desenvolvidas na oficina. Em função disso, a entrevistada escolheu relatar um dia específico em que a oficina foi desenvolvida no espaço da Biblioteca “Mário de Andrade”.

[...] as crianças são recebidas com o violão e realizamos uma “chamada cantada”, perguntando o nome de cada uma das crianças e o acrescento na canção [...] No início de cada oficina explicamos quem somos e o que fazemos e aí incentivamos que as crianças escolham um livro que guiará as nossas ações...também falamos um pouco sobre o autor e o livro escolhido[...] trabalhamos com ferramentas lúdicas, como o violão ou os marionetes que leem poesia, bonecos, na hora quem escolhe o livro são as crianças, elas entram em um acordo e trazem até nós, assim começamos a criar o ambiente, elas ficam surpresas e encantadas com a mudança do clima. Gostamos de fazer um momento da escolha, um jogo, elas percebem imediatamente que o livro que escolhem modifica o cenário e os elementos, e então um ou outro correm para buscar outro livro e testar, nós entramos na brincadeira por um tempo e depois pedimos que entrem em um acordo, é sempre essa surpresa, as crianças se surpreendem e ficam atentas, entusiasmadas e completamente mergulhadas no momento[...] Nessa oficina, o primeiro livro escolhido foi “Um passarinho me contou” de José Paulo Paes, logo arrumamos o cenário estendemos o TNT verde na parede de fundo... a surpresa no olhar das crianças! para esse livro temos um áudio de fundo com os sons da natureza, quando perceberam que a mudança de cenário se originou do livro, logo buscaram outro, pedimos que entrassem em um acordo para decidir, o grupo escolheu o livro “Ou isto ou aquilo” da Cecília Meireles, desse livro, entre nossas principais opções, está o poema Pescaria, aí trocamos o pano de fundo para o de cor azul e também trocamos para o som do mar... falamos um pouquinho da autora e do livro e iniciamos a leitura do texto poético, aí é meio assim... as crianças comentam e repetem uma palavra ou outra presente no poema ao mesmo tempo que a gente tá lendo, mas isso é bom sinal, elas estão ali, atentas, mergulhadas. [...] Como a oficina dura três horas, temos tempo para duas leituras de poemas, ou uma contação de história, depende né, nesse dia, na biblioteca, nós nos preparamos para uma segunda leitura, que é sempre do mesmo livro que já foi selecionado, foi o poema “Bolhas” da Cecília, entregamos fazedores de bolhas para cada participante, imediatamente começaram a soprar bolhas pela sala, aquela loucura, sempre parece uma festa [...]

Segundo a entrevistada, neste momento prévio à leitura, há uma preparação do ambiente em que se recebe a criança, utilizando-se de um jogo, tal momento claramente tem como objetivo prender a atenção da criança para a ação seguinte, que será o momento da leitura. Durante a leitura as crianças já expressam suas recriações e o que as impressiona imediatamente, o que as leva a segunda etapa, a discussão:

[...] nessa oficina, teve esse momento muito bonitinho que foi uma menina de uns sete anos, que disse “o mar chorou porque pegaram os peixes” ao que um menino de mais ou menos de cinco anos respondeu “é que o mar tava cheio e não cabia mais, aí tem que pescar?” ((risos)) é muito bom, sabe? nós tentamos registrar essas falas quando possível, as crianças falam sobre aquilo que pensaram durante a leitura e isso é a sua leitura daquele poema que é um outro poema, cada fala pós leitura demonstra o que as impressionou ali, perguntamos o que elas sentiram em uma conversa que elas sempre acabam conduzindo com muita naturalidade... um menino disse que se sentiu triste porque o mar chorou, enquanto uma menina disse que sentiu o “fedô” do cheiro de peixe, é um momento

sempre muito descontraído, uma mãe de uma das crianças disse que sentiu saudade de ir a praia e uma criança disse “minha vó tem uma praia... quando vou lá tem esse barulho também...” entre muitas outras falas, uma coisa que me impressionou foi que o peixe era sempre remetido às feiras e supermercados no imaginário daquelas crianças, uma delas disse nunca ter visto um peixe na praia, enquanto outra, disse que vê na feira sempre e muitas concordaram, um menino tentou reproduzir os olhos do peixe que viu, aterrorizado numa imitação ((risos)). Depois de um tempo conversando, uma das crianças perguntou o que eram aquelas coisas no chão, se referindo as cestas com os materiais [...] aí explicamos que faríamos uma ação de criação com aqueles materiais que estão nas cestas, perguntamos se gostariam de fazer uma poesia e uma criança pergunta “igual essa que você leu?” e eu digo “uma diferente!”. A primeira atividade que propomos é novamente a leitura do poema em voz alta, com uma boa entonação, marcando bem o ritmo, estrofe por estrofe, antes explicamos que as crianças precisam reconhecer as coisas descritas no poema, como o mar, os peixes, a areia, a espuma...[...] A gente tenta sempre incluir uma prática de composição coletiva, verbal mesmo, em que criamos versos coletivos, ou uma narrativa a partir de um sentimento que escolhemos em conjunto, as crianças costumam gostar, depois lemos em voz alta, dando um ritmo, já vimos algumas vezes que a criança representa, com a imitação, usando palavras aleatórias, sons aleatórios, inventam palavras que não existem, incorporando o ritmo de um soneto na voz [...] sempre damos destaque as rimas, a cadência, as repetições, o jogo das palavras, algumas vezes no processo, algumas crianças pedem “de novo” para ser lido mais uma vez”.

Nesta etapa, as crianças expressam, recuperam elementos essenciais do texto poético, além de trazerem suas percepções e emoções, refletem o mundo a partir de suas experiências e vivências, a mediadora destaca elementos da composição poética, em que dá nome a cada um, e destaca que as crianças escutam e aprendem e relacionam.

A entrevistada descreve o momento da criação como um momento muito espontâneo e complementa a questão ao responder quais são as formas de expressão que as crianças utilizam durante esse momento e se há alguma relação entre a leitura e a produção:

[...] depois é hora de produzir e criar, o cenário dá espaço para que os materiais se espalhem e colocamos de fundo um estímulo sonoro, sons de diversos ambientes como floresta, pássaros, mar, chuva, ou melodias com instrumentos clássicos, e os sons se intercalam aleatoriamente. Aí é com elas mesmo, a hora de inventar, nesse momento as crianças se apropriam muito rapidamente dos materiais, não perguntam como fazer... é muito rápido mesmo, a liberdade no momento, sabe? não demora muito as crianças mergulham uma folha ou dedo no potinho de tinta, misturam tintas e passam no papel colorindo de azul, os adultos que querem participar também procuram materiais e criam a vontade [...] Algumas crianças, as que são maiores e estão no processo de alfabetização, desenham e escrevem algumas palavras, outras desenham, procuram objetos e criam um pequeno teatro em que os objetos ajudam a recriar imagens e expressá-las. É incrível! [...] tem também algumas produções que revelam uns elementos muito imprevisíveis do poema, nós sempre solicitamos que eles nomeiem suas criações no final, teve uma criança que desenhou com branco numa folha azul e chamou de “espuma triste” Outra criança desenhou sua própria mão no papel com lápis azul e diz que é a mão do mar, uma passagem tão sutil no texto foi a coisa que pegou ele, entende? ele tava ali recriando o poema a partir dos seus olhinhos, são expressões como essas que revelam as impressões e o jeito de inventar de cada um, é muito bonito. Os livros que ficam à disposição, no tapete, são consultados

durante todos os processos, folheiam, olham as imagens, recontam histórias umas às outras, brincam com os livros, dão novas utilidades a eles na brincadeira, vira uma casa, um castelo, ou peixes que estão sendo pescados, a imaginação tá solta [...] Aí após a leitura vem mais palavras-poesia, um menino que fala “se soprar muito cabe todo mundo” e foi assim, dessa fala, a gente teve a ideia pra nossa outra ação, foi construir um cartaz coletivo com a colagem de cartazes individuais com bolhas, bolhas de todos os tipos igual no poema, em suas diversas formas [...] nesse dia, nessa criação né, fomos juntando os cartazes, e é muito perceptível a diversidade de bolhas em diferentes contextos, cores, tamanhos, os diferentes tipos de papéis recortados e colados formaram um belo cartaz de ilustração do nosso poema coletivo.

Dessa forma, a etapa de criação mostra-se muito voltada à expressão de uma produção, neste caso, não pelo verso escrito, mas pelo desenho ou verso oral. A criação descrita limita-se à produção de um material que origina de uma imagem criada. Quando perguntada se as crianças se reconhecem como criadoras de suas produções, a entrevistada diz:

[...] demais, as crianças se orgulham e se reconhecem em suas produções, elas sabem identificar seus trabalhos e exibem aos outros, as criações são recriações do poema lido e elas intitulam conforme o que veem, todas possuem relações de alguma forma, a partir do que conhecem, de suas vivências e saberes quanto ao tema e texto [...]

Sobre a forma de avaliação do desenvolvimento da oficina, a entrevistada afirma que avalia a oficina e não as produções, analisam as possíveis interferências dos adultos na leitura das crianças ou melhorias para uma próxima oficina: “[...] avaliamos o que funcionou bem e o que talvez não tenha sido bem aproveitado, sabemos que cumprimos o nosso papel se as crianças saírem da oficina com um sorriso no rosto e um olhar de um milhão de descobertas.”

A entrevistada descreve que o espaço da oficina tem importância como um lugar de experimentação em que é permitido viver mais livremente o imaginário. Mas reitera que há um longo caminho no processo de formação das crianças quanto ao gosto por poesia.

Olha, sabemos que criança gosta de brincar, de imaginar, a infância é esse lugar, é um ser poético e quando estão em um lugar que podem simplesmente ser, isso potencializa, né? Se você me pergunta se elas gostam da experiência poética de ler e ouvir, recriar e criar, eu digo que sim, com certeza! se você me pergunta se elas saem gostando de poesia, eu posso dizer que elas saem mais íntimas da poesia, do poema, da leitura... saem com novas experiências, experimentam ter voz, saem após terem sido ouvidas, lidas, como criadoras, é o melhor que podemos propiciar hoje, para que um dia, no futuro, depois de tanta interferência, esse adulto reencontre esse ser poético no dia-a-dia, nem que seja no olhar, no gosto pela poesia, e aí sim [...]

Quando pensamos na educação do gosto, o conhecer é o primeiro passo para dizer se gosta ou não. Nessa perspectiva, a oficina de criação e leitura de poesia se trata

de um movimento de aproximação em que as crianças estão dentro de um espaço em que é permitido vivenciar a experiência poética.

Quanto a análise de dados, destaco que a oficina alcança seu objetivo (a criação), a oficina possui uma prática em que a criação perdura em grande parte de seu processo. Contudo, nas descrições percebe-se que o momento de criação é relacionado ao momento de produção de material, o que equivale à expressão, e que desta forma, à imaginação durante a leitura. Este momento em que é feita a recriação do texto poético e a criação de uma significação em que as imagens são expressadas verbalmente, tais momentos não são nomeados como momentos de criação, ainda que sejam. Segundo Vygotsky (2009), a criança é criadora quando sua imaginação está em atividade.

Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório[...] A psicologia denomina de imaginação ou fantasia essa atividade criadora.” (VIGOTSKI, 2009, p.13)

Segundo Paz (1989), durante a leitura ocorre uma relação entre o texto poético, o poeta, o leitor e leitor ouvinte em que vivenciam a experiência poética. Desse modo, os leitores recriam a experiência do autor e criam imagens, imaginam, recriando o texto poético conforme suas significações. Esse aspecto pode ser observado numa das falas da entrevistada.

[...] falamos um pouquinho da autora e do livro e iniciamos a leitura do texto poético, aí é meio assim... as crianças comentam e repetem uma palavra ou outra presente no poema ao mesmo tempo que a gente tá lendo, mas isso é bom sinal, elas estão ali, atentas, mergulhadas [...]

É possível traçar um ponto essencial, de que apesar da organização da oficina claramente se basear em momentos – e o último momento ser nomeado como momento de criação – ao considerar a experiência poética, este seria, na verdade, o momento da expressão de imagens criadas.

Outro aspecto importante da oficina a ser destacado é a discussão.

[...] nós tentamos registrar essas falas quando possível, as crianças falam sobre aquilo que pensaram durante a leitura e isso é a sua leitura daquele poema que é um outro poema, cada fala pós leitura demonstra o que as impressionou ali, perguntamos o que elas sentiram em uma conversa que elas sempre acabam conduzindo com muita naturalidade [...]

Neste momento, em que as crianças expressam suas imagens, leituras e as significações que criaram a partir da leitura, seria não só um momento de expressão

como de criação. Nesse momento inventam formas de dizer o que sentem com o texto poético, o que pensam sobre determinada questão, descrevem as imagens a que foram remetidas durante a leitura, processos de sua imaginação ainda que de forma oral.

Em vista do que foi pontuado até aqui, é possível pontuar os momentos em que as crianças atuaram como criadoras durante esta oficina de poesia: As crianças criam durante a leitura em meio a etapa de percepção, também na etapa da discussão enquanto expressam suas leituras sobre o texto poético e na etapa nomeada de criação, em que produzem utilizando uma outra linguagem.

Tendo em vista os argumentos apresentados, entende-se que a oficina de leitura e criação de poesia é um espaço que alimenta a imaginação e potencializa a criação.

Albano (2018), ao tratar sobre a busca pelo desenho que perdeu-se na infância, enfatiza a educação do educador quando pensa a necessidade dos professores de Pedagogia e de artes recuperarem o gosto pelo desenho para, dessa forma, encontrarem seus traços. A autora faz diversas menções acerca da poesia e há uma evidente similaridade nas problemáticas dispostas tanto no desenho quanto na poesia em prática escolar. Com isso, Albano (2018) traça um diálogo entre o desenho e a poesia que agrega ao contexto apresentado neste trabalho, principalmente quando se trata da imaginação. No texto *Agora eu era o herói: imaginação e expressão artística na primeira infância*, a autora relata memórias de sua infância na fazenda e explana sobre as imagens de certos espaços da infância persistirem nas memórias mais do que os espaços escolares. Para a Albano (p.13), essas imagens “Nascem da necessidade infantil de dialogar com as coisas do mundo real e da imaginação, quando o acerto e o erro não fazem parte da brincadeira.” No texto de Carlos Drummond de Andrade (1974), *A educação do ser poético*, o poeta questiona o motivo das crianças deixarem de ser poetas com o tempo, teoriza sobre a possibilidade da poesia ser um estado de infância e afirma que:

[...] se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõe ou absorvem poesia [...] Alguma coisa que se bolasse nesse sentido, no campo da educação, valeria como corretivo prévio da aridez com que se costuma transcrever os destinos profissionais, murados na especialização, na ignorância do prazer estético, na tristeza de encarar a vida como dever pontilhado de tédio.

A oficina de leitura e criação de poesia para crianças apresenta uma perspectiva de ser um espaço para a criança ter contato com o texto literário poético, vivenciar a experiência poética e potencializar o gosto por poesia. Trata-se de um lugar em que a criança e a literatura convivem com familiaridade, por isso a oficina caberia também como

um lugar em que se desenvolve uma ação que enriquece a relação infância-poesia-criação.

Dessa forma, o espaço de criação da oficina de poesia oferece uma possibilidade de relacionar o mundo com a expressão da criança, distante da prática comum onde a expressão poética não é desenvolvida e mais do que isso, é negada em tantos processos de formação. Na oficina investigada, a criação é livre e não se baseia em reprodução. Com a teoria levantada acerca do gosto por poesia e da criança como criadora de poesia, foi possível com a descrição da entrevistada obter dados que possibilitam desenvolver um fechamento dessa análise de dados para alcançar o objetivo do presente trabalho.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os capítulos desenvolvidos, pode-se dizer que a presente pesquisa pôde contribuir com o acréscimo de dados sobre oficinas de leitura e criação em um contexto social diferente da escola. Também contribui com a perspectiva da criança criadora em oficina de poesia que trata a caracterização de uma prática ou projeto que correspondem a uma ideia de leitura diferente da recorrentemente utilizadas. Trata-se de um modo de abordar o texto literário de forma inovadora em alguns sentidos e que atribui a leitura um aspecto de prazer que potencializa a imaginação e a criatividade da criança, ou seja, a presente pesquisa contribui com um relato de experiência bastante positivo de uma ação educativa de leitura e criação de texto poético e traz muitos elementos a serem considerados para repensar novas formas de práticas.

Não se pretende neste trabalho culpabilizar a escola por práticas moralizantes quanto a leitura de textos poéticos, principalmente à medida que sabe-se que a escola está inserida em uma sociedade que dedica à arte somente o tempo escasso de lazer e que o lazer ocupa um espaço pejorativo no imaginário coletivo. O objetivo central foi o de verificar outras possibilidades formativas de leitores, fora da lógica escolar propriamente dita, valorizando a criança, suas vivências, seu potencial criativo e sua inventividade.

Nesse sentido, cumpre destacar que, quando se pensa a criação excepcionalmente como sinônimo de produção material, tem-se em vista o conceito de trabalho adulto e não o de trabalho da criança, sendo o trabalho da criança a imaginação, e como resultante, a criação.

Para explicar do que se trata a criação da criança no contexto de oficina de poesia, foi necessário resgatar seus elementos fundamentais, como compreender o que é poesia e poema e a relação da fala da criança e as linguagens da infância com o texto poético, entender a relação que há entre a imaginação e a experiência, compreender a leitura de literatura como uma grande aliada que propicia inúmeras experiências conforme a imensa diversidade de gêneros textuais, assim, também foi levantado a importância da educação do gosto, tanto do educador, como da criança, para que lhes sejam garantidos uma leitura crítica do mundo que os levem à humanização.

Posto isso, entendo que, mesmo de forma singela e inicial, este trabalho cumpriu com seus objetivos. A pesquisa buscou compreender o momento em que a criança pequena é criadora em uma oficina de leitura e criação de poesia, para isso foi necessário recorrer a literatura sobre o tema, analisar os processos anteriores à criação, que são

essenciais pois proporcionam as condições para a ação da criança, e desta forma, percorreu pela relação entre a leitura e criação, neste ponto, tratou-se de algumas das principais problemáticas desses temas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, novos conhecimentos foram sendo acrescentados em relação a criação da criança e após a análise dos dados obtidos com a entrevistada, chegou-se à conclusão de que há mais de um momento de criação da criança durante a oficina de poesia. Ao trazer tantos elementos novos e que potencializam a imaginação infantil, a oficina desenvolve um trabalho que consiste em criação contínua, negando práticas que baseiam-se em reprodutibilidade. Na análise dos resultados, todos os momentos puderam ser identificados e foram levantados com os demais elementos, isto é, os recursos utilizados na prática e a sua organização.

O potencial poético que há na linguagem da infância e que é motivo de eterna revisita do poeta é também grande incentivo para a formação de leitores das crianças pequenas.

Conclui-se que entender o passo a passo da oficina, conhecer a forma como se organiza e saber sobre os materiais e títulos que são utilizados em seu desenvolvimento é uma importante consideração a ser feita, principalmente, para a reflexão de novas práticas que podem ser desenvolvidas a partir dessa experiência positiva de leitura e criação de poesia com crianças.

Cada criança é feita da matéria do mundo, da circulação da vida, das circunstâncias históricas e sociais, mas, ao mesmo tempo, feita de sonhos e movida por desejos e sentidos que descobre ou atribui à vida.

A criança não é uma folha em branco a ser escrita, um vaso a ser preenchido, um autômato a ser programado. Também não é um filhote a ser adestrado.

É um sujeito humano em formação. Inacabado desde o nascimento, precisa ser educado – para permanecer vivo e para recriar a vida.

Precisa ser educado – para trazer à tona suas possibilidades humanas, para despertá-las e desenvolvê-las, para tornar-se o que é, o que pode vir a ser.

Precisa ser educado – para iniciar-se e conduzir-se na teia de interações da sociedade, da cultura, da história, em que se constituirá como criatura e como criador. (ANTONIO; TAVARES, 2013, p.16)

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Ana Angélica. **Agora eu era o herói: imaginação e expressão artística na primeira infância**. Revista Digital do LAV, v. 11, n. 2, p. 009-019, 2018.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A educação do ser poético**. Arte e, 1974.
- ABRAMOVICH, Fanny. **A única função do educador é pôr a criança na rua, no mundo. Comunicação & Educação**, v. 14, n. 3, p. 105-118, 2009.
- A.BARBOSA, Ana Mae. **Arte, educação e cultura**. Portal Domínio Público. 2004
Disponível em:< <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.>>
Acesso em: 14 de out . 2019
- A. DE SOUZA. Angela Leite. **Alguns dedos de prosa sobre poesia**. In:Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Positivo,2013, p.13-35.
- BARROS, Manoel. **memórias inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros**, São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. p. (67)
- CALDIN, Clarice Forkamp. **A função social da leitura na literatura**. Revista Eletrônica Biblioteconomia, p. 5, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos, 4ed. São Paulo – Rio de Janeiro. Duas cidades – Ouro sobre o azul – São Paulo – Rio de Janeiro -2004
- CORTEZ, Clarice Zamonaro; RODRIGUES, Milton Hermes. **Operadores de leitura da poesia**. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas,2009.
- DE PONTES, Gilvânia Maurício Dias. **Reflexões sobre a experiência estética na educação**. Revista GEARTE, v. 2, n. 2, 2015
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado**: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.
- G. DE SOUZA. Gláucia. **Procurando pelo poema na sala de aula**. Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Positivo,2013, p.81-106.
- JEAN, Georges. **Los senderos de la imaginación infantil**: los cuentos, los poemas, la realidad. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- JOLIBERT, Josette; SETTINERI, Walkiria ME; MAGNE, Bruno Charles. **Formando crianças produtoras de textos**. 1994.
- KIRINUS, Gloria. **Criança e Poesia. Na pedagogia Freinet**). Paulinas, 2004.
- KIRINUS, Glória. **Synthomas de poesia na infância**. Editora Paulinas, 2013.
- KRAMER, Sonia. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. Revista Teias, v. 1, n. 2, p. 14, 2000.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

L. CUNHA, Leo. **O livro de poesia infantil: Desafio e tendências**. In: Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Positivo, 2013.p.57-81.

M. CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Mergulhando nos textos poéticos**. In: Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Positivo, 2013.p.107-129.

M. CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Seleção de títulos: Como construir acervos e outras orientações**. In: Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Positivo, 2013.p.129-145.

M.BARBOSA, Maria Carmen Silveira. HORN, Maria da graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MALAGUZZI Loris: **As Cem Linguagens da Criança**. Com ilustração de TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. (trad. Patrícia Chittoni Ramos). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NOVAIS, Carlos Augusto. **Elementos de composição poética**: noções básicas. In: Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Positivo, 2013. p. 35-57, 2013.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**, Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes; AMARILHA, Marly. **O ensino de literatura no curso de Pedagogia**: uma presença necessária. Educar em Revista, v. 34, n. 72, p. 151-167, 2018.

SMOLKA, A. L., & Vigotski, L. S. (2009). **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA

1. Como surgiu a ideia da oficina?
2. E qual é o objetivo da oficina?
3. Qual a faixa etária dos participantes da oficina?
4. E quantas crianças que participam nesses espaços?
5. Então, a oficina em escola e nos demais espaços é diferente?
6. Você mencionou que são duas educadoras, quem são as mediadoras da Oficina?
7. Na sua experiência, qual a importância de ser leitor de poesia e poeta no papel de mediador desta oficina?
8. Na sua opinião, quais materiais pedagógicos são essenciais para o desenvolvimento da oficina?
9. Como vocês selecionam os livros? e quais os poemas, livros e poetas que são fundamentais na oficina?
10. Como é feito o planejamento pedagógico das oficinas?
11. Você poderia descrever a sequência de atividades desenvolvidas na oficina?
12. Nesse processo de criação e produção de quais formas as crianças se expressam? há uma relação clara entre o poema lido e a criação das crianças?
13. Durante o processo, as crianças se reconhecem como criadoras de suas produções?
14. Como é feita a avaliação da oficina?
15. Para encerrar, com essa experiência em oficina, você acha que as crianças gostam de poesia?

ANEXO B - ENTREVISTA TRANSCRITA

1. Como surgiu a ideia da oficina?

Então, quando a gente começou a pensar o projeto...Costumamos dizer que o projeto nasceu da vontade de provocar reflexões sobre o mundo a partir do fazer como criação de conhecimento, e isso surgiu a partir de uma aula de uma oficina que fizemos juntas, sobre o ser poético, que é a criança, tínhamos que realizar um exercício, observar alguma criança próxima e reparar nas suas expressões, sua linguagem...nesse exercício de aproximar a nossa palavra da palavra da criança, a gente precisava criar um poema a partir dessa linguagem infantil, percebemos o quanto é um exercício difícil buscar a fantasia... é esse sentimento que não dá pra dar nome, sabe? já sabemos nomear tudo o que queremos dizer, né? e o nosso exercício têm sido renomear as coisas, pensar outro jeito de dizer, o que é muito diferente do ser poético criança, enfim...é uma busca, têm sido uma constante busca. Mas, desse episódio surgiram muitas conversas e ideias, dentre elas surgiu o projeto... com muita vontade, realizamos a primeira oficina com crianças na casa das rosas, a primeira foi um teste, sabe como é, a gente quer usar tudo de uma vez, tudo o que a teoria diz e acabou sendo muito coisa, mas... fomos ajeitando ali mesmo, de modo improvisado, deixando as crianças mexerem, brincarem, falarem, da palavra da criança sempre surge um poema ou outro, a gente brincava de criar, de desenhar...o que é indizível! aí dessa experiência já ficou muito claro, a procura por formas de fazer é infinita.

2. E qual é o objetivo da oficina?

Olha... o objetivo da oficina é a criação, a expressão do ser poético, a criança sabe?... a criação do poema... da palavra, do texto, verbal ou não, procuramos encarar a ideia de oficina como um momento alheio a realidade, em que a fantasia é livre e permitida. Onde a fala da criança é ouvida, sem interrupções, sem exigir explicação, o desenho que ela cria, muitas vezes muda de repente, primeiro a criança desenha uma flor e depois o que era uma flor vira um desenho dela mesma, e por que não? o processo de criação consiste em múltiplas significações.

3. Qual a faixa etária dos participantes da oficina?

A oficina é planejada para o público infantil, mas, não impedimos qualquer interessado de participar dos encontros. O público que participa das oficinas têm de 03 a 9 anos, nos espaços públicos são sempre acompanhadas pelos pais ou responsáveis, apenas alguns adultos participam das nossas ações junto com as crianças, outros assistem, as oficinas em bibliotecas públicas e centros culturais acontecem durante o fim de semana, às vezes...durante a semana ocorrem em algumas escolas, quando temos oportunidade.

4. E quantas crianças que participam nesses espaços?

Então... as oficinas quando realizadas em bibliotecas e outros espaços públicos atendem mais ou menos sete crianças, mas...quando realizadas em escolas os grupos são maiores, aí é mais difícil pro desenvolvimento da oficina com grupos grandes, tipo mais de dez crianças, porque, pra mim, a coisa mais importante é a expressão da individualidade no momento de criação de cada criança e eu busco dar atenção a todas as crianças no processo criativo, principalmente porque nesses momentos é onde dá pra apresentar um outro poema... ou livro.. que conversa com aquela criação, que acrescente, uma ilustração, sabe?... e infelizmente com esses grupos, duas educadoras não são suficientes, para ver e trocar com as crianças. Nas escolas, são em dias letivos, aí tem outro desafio...o tempo de oficina é resumido de três horas para apenas uma ou duas horas, até tentamos negociar com as coordenações e escutamos coisas como “as crianças se cansam rapidamente de uma só atividade...” ao ouvir isso, eu me pergunto né “mas, porque em outro ambiente elas não se cansam?” ((risos))

5. Então, a oficina em escola e nos demais espaços é diferente?

A dinâmica escolar e a da oficina são diferentes sim, em diversos pontos... é evidente no primeiro contato com as turmas, na nossa chegada no ambiente escolar, a gente sempre organiza antes o espaço disponibilizado pela escola, estendemos o “tapete mágico”, colocamos diversos livros nele, penduramos o varal com mais livros e desenhos produzidos por outras crianças que nos presentearam com suas obras, também deixamos cestos com materiais variados espalhados no tapete, à disposição delas, a criança no espaço escolar, vem desconfiada, ela toca nos livros... mas... sempre com um olhar de quem acha que não podia estar tocando, ela não sabe que tudo aquilo é pra ela. As professoras também parecem ter medo de que seus alunos estraguem os livros ou façam

algum tipo de bagunça e acabam interferindo muito, chamando a atenção dos alunos. Nós precisamos falar o tempo todo que podem conhecer os materiais, mexer em tudo, folhear os livros...

6. Você mencionou que são duas educadoras, quem são as mediadoras da Oficina?

Além de mim, tem uma professora formada em letras, nos conhecemos durante uma oficina de criação literária da casa das rosas, as duas são poetisas e trabalham com educação, procuramos muitas oficinas como complementação para o trabalho educativo... e... foi durante uma conversa que surgiu o projeto. foi mesmo dessa vontade de trabalhar com crianças e com literatura. Juntas buscamos referencial teórico para a produção das oficinas, utilizamos o Octavio Paz, o Manoel de Barros, muito Paulo Freire também, além disso, eu trabalho em um museu e preparo ações educativas e de mediação de leitura com crianças, trazia algumas idéias que sabia que funcionavam bem com as crianças. Ela tem amor a obra de Manoel de Barros, e de lá, também surgiu a idéia de prepararmos os materiais de produção com coisas retiradas do quintal de nossas casas (tipos, folhas, flores, terra, pedras, entre outros...), além disso tentamos também trabalhar com a musicalidade, ambas tocamos algum instrumento, violão, gaita, tentamos em nossas práticas unir um pouquinho desses lugares e preenchê-los com muita poesia.

7. Na sua experiência, qual a importância de ser leitor de poesia e poeta no papel de mediador desta oficina?

eu acho fundamental ser leitor de poesia para trabalhar como mediador, no caso de oficina com leituras de poemas, deve existir intimidade com o texto que se lê em voz alta, com certeza. Além disso, é importante pensar durante o planejamento que a execução da oficina é o primeiro contato daquelas crianças com um poema ou com aquele poema e que cada leitura é uma nova relação e significação do texto, fico sempre atenta a cadência e a entonação. Não acho necessário ser poeta para mediar uma oficina de poesia, mas é necessário gostar de poesia, estar disposto a conhecer novos poemas, ter curiosidade para novos poetas e as novas formas. Mas também arrisco dizer que ao pensar em um mediador com tanto gosto por poesia, acho impossível que essa pessoa não tenha o que dizer num poema, né? ((risos)) Além do gosto e do prazer com a poesia,

o conhecimento dos elementos de um poema é essencial, a criança escuta, entende e relaciona, aprende, é importante dar nome a tudo que compõe um poema durante a oficina.

8. Na sua opinião, quais materiais pedagógicos são essenciais para o desenvolvimento da oficina?

conforme as experiências que tivemos até agora o material foi uma das coisas que me empolgou como descoberta, quanto mais materiais deixamos ao alcance das crianças, mais elas criam, deixamos disponíveis cerca de vinte livros de literatura infantil, entre eles alguns de poesia, outros livros não verbais, além de livros com narrativas cheias de elementos poéticos, e... também, lá no nosso varal penduramos poemas visuais e algumas obras feitas em outras oficinas a disposição das crianças, diversos papéis de muitos tamanhos, recortados em formatos diferentes, folhas em branco e pautadas, lápis coloridos, canetas e canetinhas, giz pastel e giz de cera e tintas, tesouras e régua, entre nossos pincéis alguns são feitos com materiais que encontramos na natureza, galhos, folhas, cascas de espigas de milho, materiais recicláveis, quanto mais materiais trazemos mais arte se cria, fica tudo lá, elas se apropriam e dão um novo uso a tudo, o que já engrandece a experiência poética, elas expressam ali um outro olhar, expressa a compreensão e concepção de mundo, acho que o essencial é garantir o novo, nos livros, nos materiais, na experiência com um todo... eu não vou lembrar de tudo agora, mas enquanto falo das oficinas vou mencionando os materiais que já utilizamos, todos foram fundamentais para alguma criação, é difícil responder o que é essencial, as crianças são a parte essencial, os livros também, com essa junção a coisa já vai longe...

9. Como vocês selecionam os livros? e quais os poemas, livros e poetas que são fundamentais na oficina?

a gente seleciona levando em conta a diversidade dos temas, das imagens, dos textos. As crianças demonstram um grande interesse com a poesia lúdica, mais porque as palavras têm um tom de brincadeira maior do que os poemas líricos, buscamos trabalhar com todos livros que temos a disposição, lemos e estudamos, e é isso que ajuda a criar intimidade com o texto poético e a pensar em práticas e ações para desenvolver com

cada título ou poema, temos um planejamento para cada leitura, é um...um planejamento aberto para o imprevisto e o improviso, então fica muita coisa em aberto, em alguns poemas utilizamos efeitos sonoros ou visuais por meio de cenários, texturas. trabalhamos com ferramentas lúdicas, como o violão ou os marionetes que leem poesia, bonecos, na hora quem escolhe o livro são as crianças, elas entram em um acordo e trazem até nós, assim começamos a criar o ambiente, elas ficam surpresas e encantadas com a mudança do clima. Gostamos de fazer um momento da escolha, um jogo, elas percebem imediatamente que o livro que escolhem modifica o cenário e os elementos, e então um ou outro correm para buscar outro livro e testar, nós entramos na brincadeira por um tempo e depois pedimos que entrem em um acordo, é sempre essa surpresa, as crianças se surpreendem e ficam atentas, entusiasmadas e completamente mergulhadas no momento.

Enfim, sobre os livros que temos em nosso acervo, não lembro de todos, mas assim, de cabeça, têm José Paulo Paes, tem Cecília Meireles, Lalau, tem muitos de Manoel de Barros, Eliandro Rocha, Lúcia Hiratsuka, Eva Furnari, Germano Zullo e Albertine, André Neves, Joel Rufino dos Santos, Monteiro Lobato, entre outros...

10. Como é feito o planejamento pedagógico das oficinas?

A gente se reúne antes de oferecer as oficinas, lá a gente apresenta algum novo elemento, um livro, um texto, uma ilustração ou material de expressão que seja somatório ao nosso trabalho, sempre que surge um novo material pensamos em como seria interessante desenvolver, o planejamento consiste em elaborar as possibilidades, deixando em aberto o imprevisível que surge a partir das crianças e de seus olhares, apenas anotações pertinentes sobre cada possibilidade nova que acrescentamos aos nossos planejamentos futuros.

11. Você poderia descrever a sequência de atividades desenvolvidas na oficina?

Posso tentar ((risos)) Bem...cada oficina é elaborada para durar três horas. Primeiro acontece a montagem de um primeiro cenário, em que montamos o varal e o tapete e deixamos os materiais a disposição, as crianças são recebidas com o violão e realizamos uma “chamada cantada”, perguntando o nome de cada uma das crianças e o acrescento

na canção, os pais que aceitam participar também dizem seu nomes e vão ter a mesma participação que as crianças no percurso da oficina...No início de cada oficina explicamos quem somos e o que fazemos e aí incentivamos que as crianças escolham um livro que guiará as nossas ações...também falamos um pouco sobre o autor e o livro escolhido. Uma coisa importante é que, nós chamamos a hora da atividade de ação criativa ou criação, porque as crianças que já frequentam o ambiente escolar acabam se assustando com a palavra “atividade”, relacionando com as atividades repetitivas que fazem na escola... Mas, bem, pra descrever as nossas práticas, eu vou usar como exemplo uma das oficinas na biblioteca Mário de Andrade, mas importante lembrar que, a escolha do livro e espaço que nos recebe mudam bastante os recursos e os materiais que serão utilizados.

A oficina ocorreu na manhã de um domingo, foram oito crianças, a oficina foi desenvolvida em uma sala lúdica, um espaço relativamente grande e bom para o desenvolvimento, nós sempre avaliamos as condições do espaço para sabermos exatamente com o que podemos trabalhar nas oficinas, o nosso tapete mágico é de tecido, nos juntamos para comportar todas as crianças e adultos. Chamamos o tapete assim porque é ali que começa a magia, além dele guardar tantos resquícios das outras experiências ali desenvolvidas... as crianças e seus responsáveis se acomodaram no tapete enquanto a gente faz a apresentação da oficina e todos apresentam seus nomes, o momento de escolha dos livros é sempre um momento de diversão onde as crianças se entrosam, nessa hora elas chamam seus responsáveis para o entrosamento com os outros adultos, nós aguardamos a escolha do livro que é feita pelas crianças. Nessa oficina, o primeiro livro escolhido foi “ Um passarinho me contou” de José Paulo Paes, logo arrumamos o cenário estendemos o TNT verde na parede de fundo... a surpresa no olhar das crianças! para esse livro temos um áudio de fundo com os sons da natureza, quando perceberam que a mudança de cenário se originou do livro, logo buscaram outro, pedimos que entrassem em um acordo para decidir, o grupo escolheu o livro “Ou isto ou aquilo” da Cecília Meireles, desse livro, entre nossas principais opções, está o poema Pescaria, aí trocamos o pano de fundo para o de cor azul e também trocamos para o som do mar... falamos um pouquinho da autora e do livro e iniciamos a leitura do texto poético, aí é meio assim... as crianças comentam e repetem uma palavra ou outra presente no poema ao mesmo tempo que a gente tá lendo, mas isso é bom sinal, elas estão ali, atentas, mergulhadas, nessa oficina, teve esse momento muito bonitinho que foi uma

menina de uns sete anos, que disse “o mar chorou porque porque pegaram os peixes” ao que um menino de mais ou menos de cinco anos respondeu “é que o mar tava cheio e não cabia mais, aí tem que pescar?” ((risos)) é muito bom, sabe? nós tentamos registrar essas falas quando possível, as crianças falam sobre aquilo que pensaram durante a leitura e isso é a sua leitura daquele poema que é um outro poema, cada fala pós leitura demonstra o que as impressionou ali, perguntamos o que elas sentiram em uma conversa que elas sempre acabam conduzindo com muita naturalidade... um menino disse que se sentiu triste porque o mar chorou, enquanto uma menina disse que sentiu o “fedô” do cheiro de peixe, é um momento sempre muito descontraído, uma mãe de uma das crianças disse que sentiu saudade de ir a praia e uma criança disse “minha vó tem uma praia... quando vou lá tem esse barulho também...” entre muitas outras falas, uma coisa que me impressionou foi que o peixe era sempre remetido às feiras e supermercados no imaginário daquelas crianças, uma delas disse nunca ter visto um peixe na praia, enquanto outra, disse que vê na feira sempre e muitas concordaram, um menino tentou reproduzir os olhos do peixe que viu, aterrorizado numa imitação ((risos)),

Depois de um tempo conversando, uma das crianças perguntou o que eram aquelas coisas no chão, se referindo as cestas com os materiais, esse momento sempre acontece, depende muito, algumas crianças chegam e correm para abrir e descobrem imediatamente, outras vezes leva um pouco mais de tempo, nessa oficina tivemos que incentivar para irem abrir e olhar os materiais e aí explicamos que faríamos uma ação de criação com aqueles materiais que estão nas cestas, perguntamos se gostariam de fazer uma poesia e uma criança pergunta “igual essa que você leu?” e eu digo “uma diferente!”

A primeira atividade que propomos é novamente a leitura do poema em voz alta, com uma boa entonação, marcando bem o ritmo, estrofe por estrofe, antes explicamos que as crianças precisam reconhecer as coisas descritas no poema, como o mar, os peixes, a areia, a espuma... e pensar nessas palavras do poema, depois é hora de produzir e criar, o cenário dá espaço para que os materiais se espalhem e colocamos de fundo um estímulo sonoro, sons de diversos ambientes como floresta, pássaros, mar, chuva, ou melodias com instrumentos clássicos, e os sons se intercalam aleatoriamente. Aí é com elas mesmo, a hora de inventar, nesse momento as crianças se apropriam muito rapidamente dos materiais, não perguntam como fazer... é muito rápido mesmo, a liberdade no momento, sabe? não demora muito as crianças mergulham uma folha ou

dedo no potinho de tinta, misturam tintas e passam no papel colorindo de azul, os adultos que querem participar também procuram materiais e criam a vontade...

12. Nesse processo de criação e produção de quais formas as crianças se expressam? há uma relação clara entre o poema lido e a criação das crianças?

Algumas crianças, as que são maiores e estão no processo de alfabetização, desenhavam e escrevem algumas palavras, outras desenhavam, procuram objetos e criam um pequeno teatro em que os objetos ajudam a recriar imagens e expressá-las. É incrível! A gente tenta sempre incluir uma prática de composição coletiva, verbal mesmo, em que criamos versos coletivos, ou uma narrativa a partir de um sentimento que escolhemos em conjunto, as crianças costumam gostar, depois lemos em voz alta, dando um ritmo, já vimos algumas vezes que a criança representa, com a imitação, usando palavras aleatórias, sons aleatórios, inventam palavras que não existem, incorporando o ritmo de um soneto na voz... tem também algumas produções que revelam uns elementos muito imprevisíveis do poema, nós sempre solicitamos que eles nomeiem suas criações no final, teve uma criança que desenhou com branco numa folha azul e chamou de “espuma triste” Outra criança desenhou sua própria mão no papel com lápis azul e diz que é a mão do mar, uma passagem tão sutil no texto foi a coisa que pegou ele, entende? ele tava ali recriando o poema a partir dos seus olhinhos, são expressões como essas que revelam as impressões e o jeito de inventar de cada um, é muito bonito. Os livros que ficam a disposição, no tapete, são consultados durante todos os processos, folheiam, olham as imagens, recontam histórias umas às outras, brincam com os livros, dão novas utilidades a eles na brincadeira, vira uma casa, um castelo, ou peixes que estão sendo pescados, a imaginação tá solta...aí depois, conforme as produções vão sendo finalizadas e as crianças e adultos os colocam em exposição no varal... Como a oficina dura três horas, temos tempo para duas leituras de poemas, ou uma contação de história, depende né, nesse dia, na biblioteca, nós nos preparamos para uma segunda leitura, que é sempre do mesmo livro que já foi selecionado, foi o poema “Bolhas” da Cecília, entregamos fazedores de bolhas para cada participante, imediatamente começaram a soprar bolhas pela sala, aquela loucura, sempre parece uma festa. Aí após a leitura vem mais palavras-poesia, um menino que fala “se soprar muito cabe todo mundo” e foi assim, dessa fala, a gente teve a idéia pra nossa outra ação, foi construir um cartaz coletivo com a colagem de cartazes individuais com bolhas, bolhas de todos os tipos igual no poema, em suas

diversas formas, para isso, fizemos mais uma vez a leitura, sempre damos destaque as rimas, a cadência, as repetições, o jogo das palavras, algumas vezes no processo, algumas crianças pedem “de novo” para ser lido mais uma vez, durante o processo nós também criamos nossas expressões junto com elas, porque elas pedem também...

13. Durante o processo, as crianças se reconhecem como criadoras de suas produções?

demais, as crianças se orgulham e se reconhecem em suas produções, elas sabem identificar seus trabalhos e exibem aos outros, as criações são recriações do poema lido e elas intitulam conforme o que veem, todas possuem relações de alguma forma, a partir do que conhecem, de suas vivências e saberes quanto ao tema e texto... nesse dia, nessa criação né, fomos juntando os cartazes, e é muito perceptível a diversidade de bolhas em diferentes contextos, cores, tamanhos, os diferentes tipos de papéis recortados e colados formaram um belo cartaz de ilustração do nosso poema coletivo, depois disso, nós sempre encerramos com um agradecimento às crianças e a seus responsáveis por virem brincar na oficina e deixando um convite em aberto para futuras oficinas.

14. Como é feita a avaliação da oficina?

Avaliamos a oficina como um todo, nunca as produções, analisamos se houveram interferências nossas, ou o que podemos mudar numa próxima oficina com o livro escolhido, o que seria interessante trazer naquela dinâmica, avaliamos o que funcionou bem e o que talvez não tenha sido bem aproveitado, sabemos que cumprimos o nosso papel se as crianças saírem da oficina com um sorriso no rosto e um olhar de um milhão de descobertas.

15. Para encerrar, com essa experiência em oficina, você acha que as crianças gostam de poesia?

Olha, sabemos que criança gosta de brincar, de imaginar, a infância é esse lugar, é um ser poético e quando estão em um lugar que podem simplesmente ser, isso potencializa, né? Se você me pergunta se elas gostam da experiência poética de ler e ouvir, recriar e criar, eu digo que sim, com certeza! se você me pergunta se elas saem gostando de poesia, eu posso dizer que elas saem mais íntimas da

poesia, do poema, da leitura... saem com novas experiências, experimentam ter voz, saem após terem sido ouvidas, lidas, como criadoras, é o melhor que podemos propiciar hoje, para que um dia, no futuro, depois de tanta interferência, esse adulto reencontre esse ser poético no dia-a-dia, nem que seja no olhar, no gosto pela poesia, e aí sim...

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ declaro para os devidos fins, que fui informada e orientada, de forma clara e detalhada quanto à pesquisa que está sendo realizada, cujo o objetivo consiste em identificar o momento de criação de crianças no contexto da oficina de leitura e criação de poesia. sob responsabilidade da graduanda Luhê Gutierrez Silva, do curso de pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), que pode ser contatada pelo e-mail luhe.gutierrez@hotmail.com.

Aceito participar da presente pesquisa depois de ter sido informada pela graduanda que:

- I. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita.
- II. O estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, assegurando assim a minha privacidade.
- III. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento.
- IV. minha participação na pesquisa é voluntária e posso desistir quando quiser.
- V. Será garantido o meu anonimato e guardado o sigilo de dados confidenciais.

Assinatura da participante

Assinatura da graduanda responsável pela pesquisa

São Paulo, ____ de _____ de 2019.